

TURISMO E LAZER NA ERA DO CONHECIMENTO

Adelcio Machado dos Santos¹

Everaldo da Silva²

Joel Haroldo Baade³

Wellington Lima Amorim⁴

RESUMO

Com o advento da sociedade industrial, o lazer passou a ganhar importância como pólo oposto ao trabalho, isto é, tendo tempo livre reivindicado com a redução da jornada laboral. Os estudos permitem discriminar duas orientações; uma considera o lazer relacionado a sistema de valores e ideologia, e outra que se preocupa com o lazer em relação à cultura, à política, à família, à mulher, à juventude, à religião, e, sobretudo, ao trabalho. A mutação de atividade proporciona uma recomposição das energias para enfrentar novamente o trabalho. A nova sociedade pós-industrial identifica o ócio como uma prerrogativa de grande necessidade para o bem-estar do homem moderno. O turismo e o lazer podem se converteram em formação social. A estratificação constitui ingrediente importante das sociedades modernas, e o lazer adotado pelas pessoas é influenciado por sua classe ou condição social, embora alguns possam argumentar que esta influência é atualmente menor do que no pretérito. O crescimento das organizações de turismo e de lazer contribuiu para modelar a forma como a maior parte das pessoas

1 Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP E-mail: adelciomachado@gmail.com

2 Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – E-mail: agotomielo@gmail.com

3 Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – E-mail: baadejoel@gmail.com

4 Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – E-mail: wellington.amorim@gmail.com

goza de seu lazer. Um aspecto característico das sociedades pós-industriais reside em que a escassez de alimentos cedeu lugar à escassez de tempo, com implicações especiais para o comportamento.

Palavras-chave: Era do Conhecimento. Turismo. Lazer.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade vive atualmente na Era do Conhecimento, em conjuntura em que se aprende, de forma gradativa, a encurtar distâncias e redimensionar o tempo. O cotidiano das pessoas está, sucessivamente, sendo transformado com a inclusão de produtos que permitem a comunicação com qualquer parte do planeta quase que instantaneamente. Em real, as pessoas recebem, por meio da televisão notícias do que está acontecendo em todos os cantos do planeta; pelo telefone, sobretudo, e pela Internet, são enviadas mensagens, possibilitando a interação imediata com quem está do outro lado da linha. E essas experiências de "viagens realizadas sem sair de casa" abrem os horizontes e criam intercâmbios e trocas que de forma direta interferem no modo de vida das pessoas.

Presentemente, os acontecimentos locais são influenciados de forma direta por algo vivenciado por povos do outro lado do mundo. O tempo livre dessas comunidades, assim como também o seu cotidiano, é bombardeado através dos meios de comunicação que vendem sonhos de consumo. Por meio desses estímulos, a viagem televisiva vai tomando forma pelo meio das idealidades que fazem crescer a perspectiva quanto à realização do desejo de conhecer outros lugares, outras gentes, outras culturas.

Dentro desse contexto, o espaço ocupado pelo folclore é um território no qual determinada comunidade, exposta às tentativas e possibilidades de homogeneização cultural, filia culturalmente seus membros e reivindica sua identidade cultural. Resguardando e protegendo a cultura local, tomada como fator de diferenciação da comunidade perante a tentativa/possibilidade de homogeneização. A ideia de viajar vem expandindo-se de tal forma na mente do homem moderno que, cada vez mais, se fortalece como uma conquista, um direito, uma possibilidade, um consumo.

Pode-se afirmar que o deslocamento físico se constitui, atualmente, um dos grandes consumos instituídos na conjuntura da sociedade através dos meios de propagação coletiva, principalmente os meios de comunicação de massa eletrônicos.

Tais alterações que vêm acontecendo no ritmo de vida dos seres humanos acaba por impulsioná-los a seguir, como alternativa de lazer, a viagem. Sendo a sociedade capitalista, responsável pela intensificação do ritmo de trabalho, acaba por transformar a opção da utilização do tempo livre em mercadoria. Para os mais endinheirados, com capacidade para reservar um excedente de renda, são oferecidos pacotes turísticos; para os outros, resta apenas a opção de venda das férias e supressão de um direito ao ócio, que foi conquistado com muita luta; para outros, que não tem direito sequer a um trabalho, nem isso é possível.

O estresse e as tensões vivenciadas nos centros urbanos colaboraram para que seja valorizada e destacada, como necessidade básica das pessoas, o lazer. É um período que beneficia a reposição das energias, o descanso mental, o crescimento pessoal e a fuga do cotidiano. Consagrando tal contexto, a sociedade de consumo começa a fortalecer o setor encarregado pela produção e também pelo aprimoramento dos produtos turísticos. Coincide com o início da movimentação turística o desenvolvimento da sociedade industrial, porém o surgimento de um "turismo de massas" ou um "turismo moderno" foi observado a partir da década de cinquenta. Já se observava, antes desse período, uma preocupação com o assunto, porquanto, em 1937, a Comissão Estatística

da Liga das Nações definia, como turista internacional, a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência por um período de, pelo menos, vinte e quatro horas, como será observado adiante.

2 HISTÓRIA DO TURISMO

Os deslocamentos humanos constituem uma característica da humanidade. Destarte, o humano deslocou-se para ocupar todas as partes do planeta, desde os lugares mais frios aos mais quentes, avançando na terra, no mar e no ar. Tal deslocamento sempre existiu por diversos motivos, Dias (2005) destaca que muito antes do primeiro ano da era cristã, as pessoas viajavam por motivos religiosos, esportivos ou por necessidade de conhecimento.

De acordo com Masina (2002) o turismo tem sua origem na Grécia antiga, onde Heródoto, conhecido como pai da história, foi talvez um dos primeiros viajantes da Terra.

Com Heródoto muitos gregos deslocavam-se motivados pela religiosidade, visitando santuários ou participando de competições esportivas. No império romano foram as famosas “vias” que permitiram o surgimento da procura pelas Termas. Essa busca irá exercer a mesma função motivadora religiosa nos antigos gregos, entretanto voltada para o lazer ou a terapia. Castelli (1990), diz ainda que no século XIX as famílias britânicas abastadas propagaram o costume do *grand tour*, viagem pelas capitais europeias, e especialmente pela Itália, para conhecer as belezas e atrações do continente. Estabeleciavam-se, assim, as bases de um fenômeno, o turismo, que no século seguinte se converteria numa atividade econômica e social. Por turismo é considerada toda a ação de viajar por prazer, esporte, lazer e desejo de se instruir.

A palavra origina-se do francês *tourisme*, derivado de *tour*, em que está implícita a ideia de retorno. O grande volume dos intercâmbios culturais, e, sobretudo, comerciais, proporcionado pelo turismo tiveram início na segunda metade do século XX, quando se criou uma indústria de grandes dimensões. Desde então, o turismo é uma das principais fontes de divisas de muitos países, que, apoiados numa sólida infraestrutura - desde linhas de comunicação e meios de transporte até a organização preparada para receber o viajante -, oferecem a seus visitantes, belezas naturais, praias, tesouros artísticos e vários outros atrativos.

A curiosidade em relação às diferentes culturas e costumes motivou muitos viajantes, desde tempos antigos, a se aventurarem em viagens às vezes perigosas. Destarte, aconteceu a evolução do turismo entre os antecedentes históricos dessa atividade, podem-se incluir as peregrinações religiosas, as grandes rotas da seda, as estações balneárias do mundo antigo e medieval, bem como as olimpíadas gregas.

Masina (2002) diz também que na chegada do século XIX, dentre tantas coisas, a mecânica com as ferrovias e, mais para o final do século, o transporte marítimo de grande distância. Esses fatos, aliados à preocupação com o conhecimento e o progresso, deram um grande impulso à fase inicial da atividade turística possibilitando o deslocamento de um número maior de pessoas com mais rapidez e conforto.

Entre tantas iniciativas progressistas do século XIX, surgem as primeiras agências de viagens, sendo seus pioneiros Thomas Cook e Georges Pullmann.

Os serviços prestados por esses pioneiros, também pode ser considerado como um facilitador dos deslocamentos, propiciando vivenciar diferentes aspectos da viagem, desde o alojamento e a alimentação até o transporte e a diversão. Após a iniciativa de Thomas Cook, que organizou sua primeira excursão de trem em 1841, foram criadas sociedades de turistas e excursionistas em diferentes países.

Ao clube alpino britânico, fundado em 1857, seguiram-se outros, inclusive o francês, criado em 1874. Dois anos depois surgiram os festivais de música wagneriana em Bayreuth, na Alemanha, e a Companhia Wagons-Lits. Em 1891 a American Express Company lançou o *money order* (ordem de pagamento), antecedente dos atuais cheques de viagem, o que ampliou de modo notável a segurança do viajante (CASTELLI, 1990).

De acordo com a história, o autor acrescenta ainda que uma das modalidades turísticas praticadas com maior regularidade foi o montanhismo, cujos adeptos construíram uma vasta rede de abrigos nos Alpes para prestar assistência aos viajantes, costume que se estendeu pelo resto do globo.

Outra modalidade foi o acampamento, frequentemente chamado de camping, que consiste em acampar ao ar livre em barracas apropriadas. O turismo de inverno tem como objetivo prioritário a prática do esqui e outros esportes na neve. Para isso, dispõe de instalações adequadas em regiões montanhosas, entre as quais se destacam os Alpes franceses, suíços e italianos, os Andes chilenos e argentinos, as montanhas Rochosas dos Estados Unidos, as montanhas escandinavas, canadenses e japonesas. O turismo começou a crescer logo depois da Segunda Guerra Mundial – iniciada em setembro de 1939 até 1945 -, de maneira especial nas camadas abastadas dos Estados Unidos, que tinham interesse em conhecer a Europa para ver de perto a destruição resultante do conflito. Com a explosão do turismo de massa, cada vez mais visível a partir do ano de 1950, estabeleceram-se novas metas.

Praias, tesouros artísticos e espetáculos, assim como comodidade e descanso, também passaram a figurar entre os objetivos buscados pelos turistas. Seria apropriado afirmar que a explosão do turismo foi possibilitada, entre outros motivos, pela elevação dos níveis de renda de uma parcela da população, pela redução da jornada de trabalho e pela redução do custo relativo das viagens aéreas, entre outras facilidades que foram surgindo com o passar dos anos. Os melhoramentos dos meios de transporte, o

surgimento do automóvel e do avião, assim como o aperfeiçoamento das técnicas ferroviárias e de navegação marítima contribuíram para o desenvolvimento da atividade. Também foram importantes, conforme Castelli (1990), a redução de riscos pessoais durante o trajeto e a estada, o aumento das facilidades para a comunicação dos passageiros e a troca de bens e informações entre os países.

No que diz respeito à indústria turística, as primeiras regiões especializadas na exploração industrial do fenômeno turístico surgiram na bacia europeia do mar Mediterrâneo. Determinados pontos da Itália e da Grécia, por abrigarem muitas relíquias de antigas civilizações, foram durante vários séculos destino de um considerável fluxo de visitantes (CASTELLI, 1990).

Na Costa Azul francesa, na Riviera italiana e em todo o litoral mediterrâneo espanhol surgiram diversos complexos de hotéis e apartamentos que no verão atendiam a grande número de turistas. Fenômeno similar registrou-se na costa americana do Caribe e do oceano Pacífico, assim como em algumas regiões do Atlântico. Progressivamente, a busca de novos ambientes e culturas foram responsáveis pelo alargamento das fronteiras das viagens de lazer até as regiões asiáticas e africanas. Na maioria desses países, porém, a organização institucional voltada para o turismo não tem o mesmo nível de especialização alcançado na Europa e na América. A indústria do turismo compreende basicamente três aspectos:

- a) organização das atividades, que incluem transportes e infraestrutura comercial e hoteleira;
- b) definição das disposições legais necessárias; e
- c) manutenção dos centros turísticos.

Da regulamentação dos meios de transporte participam as instituições públicas, que administram as redes rodoviárias, ferroviárias e a infraestrutura aérea para acesso

aos pontos turísticos, e as agências de viagens, encarregadas de organizar a distribuição das viagens e as reservas em hotéis e outros locais de hospedagem.

As associações de hotelaria controlam as condições de recepção e respondem às demandas turísticas, enquanto organismos oficiais regulamentam as leis alfandegárias, os acordos internacionais de assistência aos turistas e, de acordo com as diversas associações de comércio e hotelaria do país, estabelecem as normas gerais de preços e as categorias dos centros turísticos, conforme uma classificação internacional.

A visitação em grande escala a pontos de atração turística provoca uma evidente deterioração das condições do lugar. A conservação dos parques naturais, das obras de arte, das praias e das áreas urbanas constitui uma das principais preocupações das instituições dedicadas ao turismo.

Importa destacar também que, em janeiro de 1937, o comitê de especialistas em Liga das Nações levou ao Conselho da Organização uma proposta com o objetivo de coordenar esforços para promoção e estudo do turismo. Tal proposta considerava como turismo toda viagem de toda pessoa durante 24 horas ou mais por qualquer país que não aquele de sua residência habitual. Dias (2005), destaca que o comitê decidiu ainda que as pessoas que se encontravam nas seguintes categorias deveriam ser consideradas turistas:

- a) as pessoas que efetuem uma viagem de prazer ou por razões de família, saúde, etc;
- b) as pessoas que vão a uma reunião ou na qualidade de serviço (científico, administrativo, diplomático, religioso, esportivo, etc);
- c) as pessoas que viajam por negócios;
- d) os visitantes dos cruzeiros marítimos, inclusive quando a duração de sua estada seja inferior a 24 horas.

Estes últimos deveriam ser contados em grupos à parte, em caso necessário ainda sem distinção, segundo o domicílio habitual.

O comitê decidiu ainda que não seriam considerados turistas:

- a) as pessoas que cheguem com contrato de trabalho ou vão ocupar um emprego no país ou para exercer uma atividade profissional;
- b) pessoas que venham a fixar sua residência no país;
- c) os estudantes e jovens alojados em pensionatos ou escolas;
- d) as pessoas que vivem na fronteira ou pessoas que moram em um país e que têm seu trabalho em outro;
- e) os viajantes em trânsito sem parada no país, inclusive quando a travessia do mesmo leve mais de 24 horas.

Os efeitos do crescimento do turismo não se dão apenas em nível econômico, mas existe toda uma dinâmica de implicações que evidenciam as suas várias dimensões, sejam elas sociais, políticas, culturais e psíquicas, além das econômicas.

3 VISÃO EPÍSTEMOLÓGICA

Existem muitas maneiras de ser explicado o significado de lazer, muitas das proposições utilizadas são provenientes da Grécia antiga, de onde se delinea a mudança histórica do lazer a partir dos tempos medievais, especialmente no tempo disponível e na experiência do lazer em relação ao trabalho.

O mesmo pode ser definido de três maneiras distintas, a saber: uma delas considera as vinte e quatro horas do dia e subtrai os períodos que não são de lazer, como: trabalho, sono, alimentação, atendimento às necessidades fisiológicas, etc.

De acordo com Parker (1978) observam-se pontos de divergência sobre o que deveria ser eliminado para realmente definir o que seria lazer. Uma segunda definição refere-se a qualidade da atividade a que alguém se dedica. Tais definições concebem o lazer como uma atitude mental e espiritual, não apenas o resultado de fatores externos, não pode ser considerado o resultado inevitável do tempo de folga.

Pode ser identificado também com qualidades de refinamento, considerando-o único porque muitas vezes está associado a valores espirituais ou artísticos. Esse tipo de definição também é utilizado para dar ênfase a suas qualidades de liberdade. Touraine (apud PARKER, 1978) idealiza o lazer como liberdade de regras e de modelos de comportamento aceitos ou socialmente impostos. Manifestamente, tal tipo de acepção envolve julgamentos de valor, ou seja, afirmações sobre que atributos da atividade ou da pessoa são considerados desejáveis.

Um terceiro tipo de definição tenta combinar os dois primeiros. Existindo nela um componente residual, ou de tempo, acompanhado de afirmação normativa sobre o que o lazer deveria ser. Uma compreensão adequada de lazer exige que seja considerada tanto a sua dimensão de tempo de que se dispõem para o lazer que determina o que pode ser feito neste período – se é possível somente inserir um breve intervalo em um horário sobrecarregado, ou empreender um longo processo de aquisição de nova habilidade lúdica, tal como tocar um instrumento musical ou viajar para alguma parte distante.

Por outro lado, seria impróprio presumir que o lazer é apenas “tempo livre”, onde as pessoas que perdem o emprego ou que se aposentam com baixos rendimentos, na maioria das vezes, possuem bastante tempo de folga, mas é pouco provável que considerem estar usufruindo um verdadeiro lazer (PARKER, 1978).

De acordo com Machado Neto e Machado Neto (1987) a redução da jornada de trabalho foi utilizado como remédio contra o desemprego. A sobra é considerado tempo

livre, que seria então utilizada para o lazer, o que acabou por provocar as mudanças dos padrões éticos da sociedade contemporânea.

O lazer ainda é tido como tempo livre do trabalho para a subsistência, ocupado em desportos e outras formas de distração. Pode ser considerado o mesmo que ócio, embora algumas vezes essa palavra seja usada pejorativamente. Desde que esboçada uma abordagem geral ao lazer, e formulada uma idéia de como distinguir o que é e o que não é lazer, é possível selecionar várias possíveis classificações.

Parker (1978) diz que Max Kaplan, estudioso de lazer nos Estados Unidos, sugere que qualquer coisa ou qualquer outra atividade específica pode ser uma base para o lazer, do qual alguns elementos básicos são uma antítese a trabalho enquanto função econômica, um mínimo de compromissos sociais impostos, uma percepção psicológica de liberdade, um âmbito que vai da inconsequência e do descaso à seriedade e importância, frequentemente caracterizado por um aspecto lúdico.

Kaplan sugere, em sua classificação de atividades, que devem ser realizados os seguintes questionamentos: as pessoas são o interesse principal da atividade em pauta? Qual a importância das regras? O indivíduo vai a busca da experiência ou o mundo vai a ele?

Existe a possibilidade de analisar as funções ou propósitos atendidos pelo lazer, quer para o próprio indivíduo quer para a sociedade da qual este faz parte. Joffre Dumazedier, sociólogo francês, acredita que o lazer atende a três funções principais para o indivíduo: repouso, diversão ou enriquecimento de seus conhecimentos e sua participação social.

Dumazedier tece ainda comentários sobre a falta de tempo e de condições financeiras, quando o orçamento não permite a satisfação dessas necessidades, o gosto pelas viagens, pela televisão ou até mesmo pelo automóvel pode redundar em privações

voluntárias de alimentos, de roupas, de alojamento que suscitam em novos problemas aos assistentes sociais especializados no auxílio à família. Destarte, o lazer cria novos estados de insatisfação: no plano dos níveis de vida, quando as necessidades crescem mais depressa do que os meios de satisfazê-la, desenvolve-se um sentimento de pauperização (CASTRO, 2002).

A insuficiência de recursos financeiros impede o indivíduo de atingir o grau de lazer, objeto de aspiração ou de necessidade, criando insatisfação e frustração. O mesmo ocorre com a falta de tempo para o lazer que atinge principalmente as mulheres. Esta, com efeito, adiciona comumente ao trabalho profissional o trabalho doméstico, principalmente quando não conta com auxílio doméstico de empregada, marido e filhos.

O repouso pode ser considerado como a recuperação das pressões cotidianas, o passatempo é um antídoto contra o tédio e a terceira função estimula o desenvolvimento da personalidade. Já Edward Gross tenta demonstrar que o lazer exerce determinadas funções para o grupo social ou para a própria sociedade, daí a importância dos companheiros de trabalho com quem se sai para um programa informal e do esporte como fator de convergência de um grupo e mesmo de identificação nacional.

Parker (1978) destaca que entre os vários estudos que são realizados a respeito do verdadeiro significado do lazer para as pessoas, alguns grupos de idade, sexo e classe social diferentes podem extrair valores semelhantes do lazer, mesmo que o conteúdo deste seja distinto. Dentre esses, os principais significados – que são definidos como satisfações sentidas ou razões para empreender uma atividade específica de lazer – foram o mero prazer da atividade em si, fazer algo que não o trabalho, contato com amigos, proporcionar experiências novas, além de fazer passar o tempo e sensação de criatividade apurada.

O conceito lúdico está relacionado diretamente ao lazer, todo o folguedo é considerado uma forma de lazer, mas a recíproca não é verdadeira.

Charles Brightbill (apud PARKER 1978), diz que essa é a expressão livre, prazerosa, imediatista e *natural* dos animais, principalmente enquanto jovens. Por sua vez, o historiador Johan Huizinga realizou um aprofundado estudo sobre jogo e folguedo em diferentes culturas, concluindo tratar-se de elemento indispensável a todas as civilizações humanas e que possui cinco características básicas, a saber: é voluntário e livre; como interlúdio a vida cotidiana é mercado pelo descompromisso; torna-se tradicional e pode ser repetido; cria ordem, e as normas tornam-se importantes para a existência da comunidade lúdica; e tal comunidade tende a tornar-se permanente como subgrupo depois de terminado o jogo (PARKER, 1978).

A palavra recreação muitas vezes é utilizada para designar alguma coisa semelhante ao lazer. A recreação, por sua vez, sempre indica alguma espécie de atividade, e como o lazer e o jogo, não possui uma forma única. Em seu sentido literal, pode ser visto como uma das funções do lazer, a de renovar o ego ou de preparar o trabalho.

Esse elemento da recreação é o mais indicado àqueles que desaprovam o lazer inútil ou dissipado, uma atitude sem dúvida bem retratada na expressão recreação sadia. Mas é também elemento que tem levado muitos estudiosos a comparar a recreação ao lazer.

4 LAZER E TURISMO

Reputa-se que o trabalho constitui necessidade primeira do humano. De acordo com essa perspectiva, o tempo livre seria o espaço de recuperação da força de trabalho. Dentro de uma outra ótica não-excludente da citada, seria o espaço de realização do humano.

Outrossim, de acordo com Paiva (1995), Joffre Dumazedier, considerado o pai da sociologia empírica do lazer, destacava que este diz respeito a todas as ocupações às quais o indivíduo pode se dedicar, depois de se desobrigar das suas tarefas familiares, profissionais e sociais. A condição de liberdade de optar pelo que fazer seria intrínseco ao lazer.

Destarte, a ideia do tempo livre foi repassada para a sociedade industrial moderna pela sua estrutura produtiva, conseqüentemente transfigurada.

Foi associado ao tempo livre, conforme destaque de Paiva (1995), os ganhos dos trabalhadores, à semana de 40 horas, à semana inglesa, às férias, à aposentadoria, enfim, ao tempo liberado pelo progresso econômico e preenchido com atividades, muitas vezes continuadoras dos controles institucionais.

Desde o surgimento da sociedade industrial, o lazer passou a ganhar importância como polo oposto ao trabalho, isto é, com tempo livre reivindicado com a redução da carga horária de trabalho. Os estudos que versam sobre lazer permitem distinguir duas orientações, a primeira considera o lazer relacionado a sistema de valores e ideologia, a segunda se preocupa com o lazer em relação à cultura, à política, à família, à mulher, à juventude, à religião e, principalmente, ao trabalho. De acordo com Castro (2002), a palavra lazer não significa simplesmente “nada fazer”, mas sim, “fazer algo diferente”. A mudança de atividade proporciona uma recomposição das energias para enfrentar novamente o trabalho.

Na sociedade pré-industrial, o lazer estava ligado diretamente com o ócio, então uma prerrogativa da aristocracia. As religiões por sua vez, condenavam o ócio como um mal a ser evitado.

O turismo como uma das representações do lazer recebeu forte influência do conteúdo pesado, perdurador da segmentação dos homens entre classes sociais e da

representação dos interesses da classe hegemônica, refletida em estereótipos que tentam manter uma ordem.

Muitos desses estereótipos são fáceis de identificar em publicidade turística.

Destarte, é possível observar duas tendências que fazem a ponte entre o turismo e o lazer. Com o aparecimento da sociedade industrial, o lazer passou a ganhar importância como eixo contrário ao trabalho, dando-se mais ênfase ao tempo livre através da redução do tempo de trabalho, onde se observa o surgimento das idéias sociais a partir do século XIX.

Para Paiva (1995), estudos que estabelecem a relação entre o turismo e o lazer enfatizam o segundo como elemento dinâmico do desenvolvimento cultural, desempenhando funções essenciais nas estruturas físicas e psíquicas dos indivíduos, como um exercício de liberdade e criatividade e, em nível coletivo, como fator de integração social. Entretanto, em contrapartida, a mercantilização do lazer por via do turismo, através da oferta de produtos massificantes, pode levar a recreação a se transformar em fator alienante e de desagregação social. Karl Marx considera algures o trabalho como a necessidade primeira do homem, especificando, porém, que apenas a apropriação coletiva da máquina possibilitará a conquista de tempo livre, que findará por humanizar o trabalho. De acordo com Sell (2001), Marx, acrescenta que o trabalho é um processo do qual participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercambio material com a natureza. Atuando dessa maneira sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.

Já para Auguste Comte, mesmo em posição diversa a Marx quanto à sociedade futura, atribuía a mesma importância à conquista do lazer pelo progresso técnico e emancipação social. No ano de 1883, Paul Lafargue – que denunciava a "santificação" do trabalho promovida por escritores, economistas e moralistas -, escreveu *O direito à*

preguiça, entendendo o lazer dos operários como uma necessidade combinada ao trabalho. Até por que, nessa época, os trabalhadores nas oficinas parisienses ainda trabalhavam em média 12 ou 13 horas por dia e, algumas vezes, as jornadas de trabalho se estendiam entre 15 a 17 horas. A essa situação ainda se acrescentava a circunstância de muitos operários estarem convencidos de que o trabalho em si mesmo era considerado uma atividade dignificante e benéfica.

As atividades profissionais exigem das pessoas, cada vez mais, um envolvimento intenso, embora se mantenham como contatos secundários. A recuperação das energias é processada com atividades diferentes daquelas realizadas no ambiente profissional.

De acordo com Castro (2002) a atividade de lazer de uma pessoa corresponde à atividade de trabalho (profissional) de outra. Como exemplo, pode-se citar um jogo de futebol, o que para alguns é tido como atividade profissional para outros é uma atividade de lazer.

O autor distingue ainda três funções principais do lazer, que são: descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade.

- 1) **Descanso:** recuperação, libertação da fadiga, reparação das deteriorações físicas ou nervosas provocadas pelas tensões consecutivas ao exercício das obrigações e, em modo particular, do trabalho;
- 2) **Divertimento:** libertação da fadiga e do tédio por meio de atividades reais e fictícias. Entre as atividades reais, pode-se citar viagens, jogos e esportes. Quanto às atividades fictícias promovem identificação e projeção como recurso à vida imaginária. Entre elas estão a participação em espetáculos de teatro e de cinema, ou até mesmo leitura de romances; e
- 3) **Desenvolvimento da personalidade:** o lazer promove a integração voluntária na vida de agrupamentos recreativos, culturais, sociais, donde

advém a adoção de atitudes ativas no emprego das diferentes fontes de informação, tais como: imprensa, cinema, rádio, televisão e Internet.

A idéia de que o lazer é uma liberdade total carece de significado, já que se vive em um estado de natural coerção social, outrossim, as próprias atividades de lazer compreendem determinado controle – usos, costumes e normas -, como no caso de práticas esportivas e turismo em geral. Os tipos de lazer podem ser agrupados em:

- a) cinema, teatro, *shows*, concertos, óperas;
- b) jogos esportivos, ginástica;
- c) cursos, conferências, *workshops*;
- d) TV, Internet;
- e) passeio em shopping centers.;
- f) freqüência a bares, restaurantes;
- g) visita a museus, exposições, parentes, amigos;
- h) viagens;
- i) associações literárias, musicais, de jogos, de esporte, de pesca.

As principais abordagens sociológicas voltam-se para:

- a) lazer e trabalho;
- b) lazer e vida;
- c) lazer e valores.

Há milênios que o homem trabalha muito, daí nasceu a necessidade de descansar bem e, com certa periodicidade, deixando seu ambiente de convivência habitual, não para fugir, mas para construir, integrar e descobrir novos valores, principalmente aqueles que possam proporcionar meios de coexistência positivas com os demais, suas criaturas e o universo que os envolve com seus recursos e leis naturais, que superam toda a nobreza do saber do homem, tão imprescindível e hábil, mas impotente para

controlar os desafios de seu atrevimento e para vencer as limitações de sua própria estrutura psicofísica.

Nesse íterim, Andrade (2002 grifo nosso) argumenta que a intensa atividade humana e os desgastes dela decorrente levaram a própria sociedade a buscar recursos capazes de fornecer aos indivíduos os necessários meios para o atingimento de muitas de suas aspirações, entre as quais a prática do lazer e do turismo, sendo que suas principais motivações são: **desejo de evasão, necessidade de evasão, espírito de aventura, aquisição de status, necessidade de tranquilidade, desejo ou necessidade cultural, desejo ou necessidade de compra.**

Dentre esses, o **desejo de evasão** é fundamental para a existência de deslocamentos e estada em lugares diferentes, por livre disposição pessoal, sem premências de necessidades compulsórias, pois, como sujeito do turismo, o indivíduo sofre e cria motivações que o levam a optar por modalidades, tipos e formas turísticas, de acordo com seu interesse, suas posses e dentro dos limites possíveis de tempo disponível.

Sobre a **necessidade de evasão**, é o fenômeno que se manifesta pelo próprio fato de que as pessoas sentem necessidade de trocar de ambiente físico, de mudar de relações sociais, de ampliar ou diminuir o número de seus amigos. Todos precisam passar por estágios de mudança para alterar o estado do espírito e das coisas em sua vida, que é dinâmica, é processo e não admite a estática, sem prejuízos sérios de retração ou mesmo de degeneração física e psíquica, é inadmissível a vida sem mudanças.

Outro importante elemento motivador do turismo é o **espírito de aventura**. Nos dias atuais, em decorrência do planejamento e da organização, as oportunidades para aventuras autênticas tornam-se exclusividade para pessoas muito especiais, componentes de um grupo cada vez mais restrito. Os próprios turistas, mesmo em busca de aventuras procuram por recursos específicos que lhes deem todas as garantias necessárias para satisfazer tal necessidade.

Andrade (2002) acrescenta ainda, no que se refere à **aquisição de status**, que a prática do turismo implica em determinada sensação de mobilidade social vertical ou promoção na escala social. Atribui prestígio e, se não chega a promover o turista à classe social mais elevada ou ambicionada, pelo menos indica a impressão pessoal de algum tipo de progresso social ou de privilégio.

De qualquer maneira, suscita no turista a expectativa de que sua viagem – na medida da importância que ele mesmo ou os outros a ela atribuem – lhe proporciona a aquisição de status mais elevado. Naqueles países ou comunidades de nível cultural baixo ou de poder aquisitivo duvidoso, o turista se vê recompensado com benefícios emocionais dos quais costuma, ostensivamente, tentar auferir proveitos pessoais e, não raro, funcionais. Em certos países subdesenvolvidos acontecem promoções de funcionários pelo simples fato de terem viajado a países de reputada cultura.

Outra motivação apresentada é a **necessidade de tranquilidade**, em virtude de sua natureza específica, o turismo é uma das várias atividades humanas que não dispõem de condições de existência fora do clima de paz, de cooperação e de tranquilidade: é a própria indústria da paz e do bem estar.

Por conseguinte, o movimento turístico sempre se retrai e desaparece ao surgimento de ameaças de violência, de guerras e de quaisquer sinais de comoção social que possam perturbar a ordem, a disciplina e a prosperidade.

Pela sua natureza pacífica e de natureza integrativa, o turismo não convive com políticas separatistas. Tranquilo e tendente à felicidade, não subsiste na insegurança nem nas impetuosidades naturais, como em regiões ameaçadas ou assoladas por fenômenos naturais, epidemias, endemias e outros fenômenos de natureza aterrorizadora. Alegre e descontraído, repugna-lhe ser exercido em países marcados pelas infelicidades da angústia e das diversas formas de opressão. Na **motivação cultural**, o turista, como qualquer outra pessoa, exerce ambivalente e concomitante função de agente aculturador e de elemento suscetível de sensibilização por culturas outras que a sua própria.

Destarte, pelo próprio desejo ou pela necessidade de participar de ambientes e sociedades diferentes dos que lhe são próprios, ele se dispõe a interferir e a integrar-se, em um processo cultural, como elemento ativo e passivo de influência. As relações culturais são importantes, mas, como o turismo não é essencialmente fenômeno etnológico, as considerações de mensuração cultural de influências ou o nível de aculturação tornam-se de menor importância.

Por isso, exista ou não um processo de aculturação, desde que o turista entre em contato com uma cultura que não lhe é própria, a simples visita informal pode ser considerada como elemento constitutivo de motivação cultural.

E, por final, figura a **motivação comercial**, porquanto o desejo de possuir mais e melhores bens leva os indivíduos às mais diversas atitudes, conforme suas tendências pessoais, suas necessidades de aquisição e sua visão a respeito da vida e das coisas.

Por isso, o desejo ou a necessidade de adquirir bens, formam uma das mais fortes motivações que levam as pessoas a viajar, criando a demanda que fez surgir, o turismo de compra, fenômeno esse tecnicamente classificável como subtipo do turismo de negócios, tipo esse, que conforme Andrade (2002), deveria ser excluído, de forma definitiva, do elenco tipológico turístico.

É necessário tomar cuidado para não confundir a motivação comercial ou de compra com o turismo de negócios, porque a comercialização de natureza turística exclui a mentalidade ou o ânimo de negociar, de realizar revenda.

Do contrário, em especial o turismo internacional, inexisteriam as facilidades alfandegárias e todos os produtos deveriam ser taxados com a mesma severidade.

A tipicidade, a raridade e o exotismo dos bens comerciáveis dos receptivos turísticos são elementos capazes de esclarecer qualquer distinção que tivesse condições de confundir as pessoas a respeito das diferenças entre motivação comercial e o turismo de negócios. Ainda nesse tópico pode-se acrescentar a cultura física, que é a prática de esportes e de ginástica visando ao desenvolvimento do corpo.

Não raro, tal prática, é buscada por intermédio de conselho médico com a finalidade de preservar a saúde física e psíquica. A vida sedentária está associada a consequências prejudiciais ao organismo, por exemplo. Dessa forma, uma ginástica adequada e um esporte compatível com a estrutura física e com a faixa etária iniciam como uma atividade, obrigatória, de certa maneira. Entretanto, os resultados positivos tendem a converter a obrigação em lazer saudável. Acontece, do mesmo modo, a procura da cultura física por ela própria, convertendo-se em culto ao físico.

Nesse caso, pode acontecer o inverso da situação anterior, ou seja, passar de lazer saudável à obrigação assumida consigo próprio. Pode-se citar como exemplo dessas atividades, os jogos de futebol, de basquete e vôlei, praticados no final de semana, são contribuintes para o bem-estar e boa saúde física e mental.

5 SOCIEDADE INDUSTRIAL: TRABALHO – VIAGEM

A economia é um item que tem poderes soberanos na civilização atual. Ao mesmo tempo, pode ser considerada força motora, o fim e o meio, é quem dita a conduta a ser utilizada. A exploração dos recursos naturais, a escala de valores do homem e a política do Estado caíram sob sua autoridade e a ela estão atrelados.

Do nascimento à morte, todas as atividades estão arriscadas a serem comercializadas. Os deslocamentos humanos constituem uma característica da humanidade. De acordo com Dias (2005), há pesquisas que relatam que o homo sapiens, deslocou-se do leste da África há milhares de anos para ocupar todas as partes do planeta, desde os lugares mais frios aos mais quentes, e avançou na terra, no mar e no ar, e prepara-se para ocupar o espaço sideral.

Quando ocupou diversas partes do planeta, o homem continuou com seus deslocamentos pelos mais diversos motivos.

Primeiramente, deslocava-se motivado pelos movimentos dos animais e pela germinação de sementes que lhe serviam de alimentos em diversas épocas do ano. Esse autor destaca-se que existia uma época em que os seres humanos domesticaram os animais e aprenderam o cultivo de diversas plantas que lhe forneciam alimento sem a necessidade de deslocamento.

Na Idade Média o número de deslocamentos cresceu substancialmente em decorrência de motivos religiosos. Existia peregrinações em diferentes partes do mundo, e existia ainda, outros que se deslocavam motivados pela necessidade de comércio no Ocidente.

Novas terras, novos povos, novos negócios, surgiram com as grandes navegações, principalmente para o Ocidente, esse incremento se deu também motivado pelo interesse de complementar a educação das elites. Sendo assim, entre os séculos XVI e XVII, a nobreza europeia enviava seus filhos para realizarem *tours*, inicialmente por cidades europeias que detinham grande patrimônio histórico-cultural.

As viagens para terras mais distantes diferenciavam-se das que ocorriam nas imediações das metrópoles europeias e assim passaram a ser denominadas *grand tour* para ser diferentes daquelas.

O *grand tour* constituía-se em jornadas que duravam um, dois e três anos ou mais. Como tinham o objetivo educativo, os jovens eram acompanhados por instrutores, em geral sábios que detinham algum conhecimento dos locais visitados.

Desde o início dos anos setenta, a civilização moderna da economia ou da abundância vive uma grave crise. Krippendorf (2003) destaca que após decênios de prosperidade, os próprios fundamentos do sistema da sociedade industrial estão abalados.

A crise econômica, a crise do crescimento, do trabalho, do meio ambiente, do Estado e a crise de valores que atingem um grande número de pessoas são mais do que simples acessos de fraquezas passageiras.

Esse autor destaca que foi o progresso científico e técnico que lançou a sociedade industrial moderna nessa trajetória, colocando em marcha a industrialização da economia. Houve um crescimento da produção em massa e à troca de bens em âmbito mundial, tal como nas viagens, impulsionou cada vez mais.

O sistema da sociedade industrial, cujo funcionamento foi tão perfeito durante um longo período, ameaça degenerar. Sendo que uma espécie de círculo vicioso é criado, onde um lado acaba com o outro, gerando assim uma perda de substância que constitui um golpe tremendo contra o meio ambiente.

A isso se opõem as novas tecnologias, que poderiam reduzir os efeitos nefastos sobre a ecologia e afastar o perigo.

Nesse contexto, as pessoas sentem necessidades de durante o tempo livre, nas férias, satisfazer seus desejos, as necessidades que não foram realizadas no dia-a-dia, no cotidiano do trabalho, que possuem uma importância vital.

Castro (2002) afirma que, inicialmente, o trabalho foi visto como um castigo divino. Posteriormente, considerando a redenção, os teólogos atribuíram-lhe sentido e valor, o homem passou a ser considerado partícipe da construção do mundo, completando, de certo modo, a obra de Deus.

Para alguns estudiosos, o trabalho é considerado a realização da cultura, da história e da moral, pode ser considerado também como o valor donde surgiu o conceito valor-trabalho, sendo tido até mesmo como o instrumento para o homem encontrar a si mesmo.

O trabalho insere o homem no objeto produzido, para Marx (apud CASTRO, 2002), valor é trabalho humano cristalizado, onde o capitalismo espolia o trabalhador quando não lhe atribui de acordo com o valor que incorporou no produto.

Dá a necessidade cada vez mais crescente de repouso, lazer, descanso fora do contexto onde vive habitualmente.

A unanimidade parece acontecer quando essas necessidades só podem ser satisfeitas fora de casa, salvo para alguns privilegiados que exercem uma atividade

agradável, criativa e variada, que determinam eles próprios as tarefas do dia e o ritmo do trabalho, que são livres.

Entretanto, tais privilégios são reservados ao pequeno grupo de aristocratas do trabalho, tais como: escritores, pintores, músicos, etc. Em compensação todos os outros que fazem parte da sociedade industrial necessitam desses momentos de lazer.

Para essas pessoas, o repouso e as férias são sinônimos de sair, viajar. A sociedade projeta para fora as necessidades de repouso e por isso torna evidente a polarização “trabalhar e morar aqui – descansar além”.

Observa-se, de acordo com Krippendorf (2003), que as cidades não tem a preocupação com o lazer nem com as necessidades de relaxamento dos seus habitantes, afinal a maioria são cidades de trabalho, incompatíveis com uma vida plena.

O processo de urbanização não pára, com todas as implicações nefastas ao homem, embora já há alguns anos exista a necessidade e o desejo em tornar as cidades mais habitáveis.

De outra forma, o que desperta o desejo de uma pessoa viajar, a procurar lá fora o que não encontra dentro não é tanto o resultado de um impulso pessoal quanto a influência do meio social, que fornece a cada um as suas normas existenciais.

A decisão pessoal é condicionada pela sociedade, afinal, para o homem em estado de carência, a sociedade oferece o turismo, as férias longe do universo cotidiano, sob as formas mais diversas e as enfeitam com todas as qualidades, permitem a evasão, resolvem os problemas, distribuem força e energia, embelezam a existência e trazem felicidade.

A necessidade de relaxamento é reconhecida e é orientada para o turismo e transformada em viagem. No entanto, tal necessidade, de acordo com Krippendorf (2003) poderia em muitos casos ser satisfeita em casa, se fossem criadas melhores condições.

Tais necessidades são comercializadas e transformadas em viagens de todas as espécies, de acordo com as regras da arte do marketing. As técnicas utilizadas são as mesmas para a venda de outros produtos.

No entanto, dado o fato de que as operadoras de viagens tiram partido do sentimento nostálgico e dos sonhos tem apenas o trabalho de comercializar as paisagens.

Para melhor entendimento desse fato Pierson (1981) relata que alguns estudiosos e também a maioria dos leigos, vendo em torno de si enorme variedade de formas culturais, convenceram-se de que os dados do social são mais complexos que os das ciências físicas; isto é, que os fenômenos sociais, pela sua própria natureza, combinam-se em configurações mais intrincadas que os da física, química ou biologia, e assim são mais difíceis de descrever, analisar, explicar e compreender.

Compreendido isso, percebe-se a profunda necessidade que as pessoas possuem em procurar no exterior o descanso vital e necessário.

Faz-se necessária também uma análise para ajudar a apreender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e também dos turistas, as motivações indispensáveis para agir de uma ou de outra maneira, a busca para além da mera viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está implantado, destacando-se sempre a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, por fim, seus dilemas e paradoxos se tornam numa grande contribuição das ciências sociais para o planejamento equilibrado de um turismo altamente responsável.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe uma definição consensual de turismo social, originalmente nascido junto às organizações operárias, atualmente ampliou-se abrangendo outros grupos sociais que apresentam dificuldade no gozo das férias, particularmente de fazer turismo.

O turismo social é praticado por grupos de baixa renda, possibilitado e facilitado por serviços totalmente separados e, portanto, facilmente reconhecíveis, é praticado por aqueles que não poderiam pagar os custos de uma intervenção social, isto é, sem assistência de uma associação à qual o indivíduo pertence.

Esse pode ser entendido ainda como a concessão de facilidades, por meio de serviços públicos, para que as pessoas de recursos escassos viajem com fins recreativos, dentro das melhores condições possíveis de economia, segurança e comodidade.

É um ato de justiça social distributiva para aquelas camadas que mais o exigem e que são economicamente frágeis. Podendo ser considerado um serviço democrático colocado ao alcance das maiorias.

Podendo ser caracterizado pela ausência de lucro, pois não deve lucrar-se, mas tão-somente obter-se o custo de operação e da organização; além de ser de âmbito massivo; subvencionado, isto significa que, em parte ou totalmente, por um sindicato, empresa, governo, ou por qualquer outro tipo de organização, sejam elas hoteleiras, agências de viagens, restaurantes e toda organização que anule os custos; precisa também adotar uma política geral de administrar racionalmente o turismo e não explorar o turismo.

As definições de turismo social têm em comum o fato de classificá-lo como uma forma especial de turismo, que deve desenvolver-se para facilitar seu acesso às classes sociais de menores recursos.

De uma vez que o turismo a preços de mercado é restrito àqueles que podem pagar, ou melhor, àqueles que recebem renda suficiente para utilizar o excedente para gastá-lo no consumo de serviços de recreação e turismo, fica de fora dessas possibilidades, grande parte da população. Sendo assim, o turismo é considerado um recurso programático para resolver embora que parcialmente, tais carências.

Uma vez que demanda às necessidades de grupos específicos, o turismo social diferencia-se do turismo comercial, por apresentar um conjunto de razões que o caracterizam como um setor de identidade própria.

Nesse contexto também tem surgido nos últimos anos, a preocupação com os efeitos negativos de um turismo de massas, especialmente sobre as comunidades mais frágeis, menos desenvolvidas. Antes disso, o foco ficava centralizado nas vantagens dos ganhos financeiros e do incremento na oferta de empregos para a população local. De outra forma, tal atividade ameaça da mesma maneira com a destruição do meio-ambiente, a segregação dos nativos, a exclusão dos autóctones de todo o processo de planejamento e, a longo termo, um amplo embargo sobre a população local.

Pode-se observar que quanto menor for o desenvolvimento da região receptora, maior será a intensidade dos efeitos negativos socioculturais resultantes do fluxo turístico sobre a população local. Os riscos decorrentes de uma atividade turística desregrada, em oposição a um "turismo sustentável", são grandes, podendo levar a danos de difícil recuperação.

Existe uma tendência mundial, onde se torna evidente a necessidade de desenvolver o turismo com sustentabilidade, afinal, atividade turística deve ser

concebida de maneira a permitir a sobrevivência e o desenvolvimento de produções culturais e artesanais tradicionais, bem como do folclore, de forma a não provocar a sua padronização e possível empobrecimento.

Enquanto produtor e consumidor do espaço, o turismo tem condições de ‘mercantilizar’ as culturas locais, tornando-as objeto de consumo, originando dessa forma danos irreversíveis à identidade da comunidade anfitriã. Daí a importância de se criar uma harmonia entre as atitudes dos turistas e o comportamento da população local.

A chegada do turismo é avassaladora, seja por meio das intensas propagandas oficiais ou através do surgimento instintivo de destinos que se tornam atração aos olhos dos turistas.

As pequenas localidades algumas vezes são invadidas e o seu dia-a-dia é moldado, na maioria das vezes, pela chegada dos viajantes com seus hábitos, costumes e tradições.

O crescimento do turismo pode agredir, em diferentes graus, os recursos naturais, culturais e sociais das regiões receptoras.

Tal fato acontece uma vez que essa atividade segue a mesma lógica do mercado capitalista, isto é, o mercado turístico guia-se pela valorização patrimonial, pela busca da maior rentabilidade no menor prazo aceitável, deixando em regra, em segundo plano, qualquer preocupação com a preservação dos recursos ambientais.

Os estragos provocados pelo turismo invasivo e sem planejamento podem ser irreversíveis minando, por completo, a identidade cultural do povo receptor.

Verdadeiramente, não é apenas a preservação da diversidade cultural que pode ser ameaçada frente ao desenvolvimento apressado e irresponsável de atividades turísticas. O meio-ambiente, as paisagens naturais e o patrimônio artístico-cultural também podem ser considerados objeto de degradação, quando não existem conscientização e controle.

Finalmente, planejar e preparar são, em última instância, pensar na sobrevivência do povo que vive no local a ser visitado e conhecido por outras gentes, outros povos, a fim de que a sua história tenha condições de ter continuidade.

É preciso também pensar na pessoa do turista dentro desse contexto, sendo necessário também que exista uma ajuda externa para que as pessoas descubram e utilizem suas aptidões no sentido de viver férias repletas de prazer. Conceder ao turismo uma face mais humana implica despertar e explorar plenamente o grande potencial que permanece entorpecido em cada indivíduo.

Tal tarefa, extremamente útil, mas ao mesmo tempo difícil de colocar em prática, é da alçada de uma animação bem compreendida, isto é, definida como uma educação para viagem. Faz-se necessário desenvolver sistematicamente uma animação dessa ordem, que deve operar em especial em três direções: por meio dela o turista poderá descobrir sua verdadeira personalidade, travar contatos com outros turistas e estabelecer relações com os habitantes e o país receptor.

Ela deve ser dirigida por animadores que possuam as qualidades necessárias e a formação pedagógica adequada para satisfazer às altíssimas exigências da função.

De acordo com o analisado, observa-se que o turismo social no Brasil, ainda apresenta muitos tópicos a serem estudados. Faz-se necessário uma análise profunda por parte de sindicatos e confederações para que o turismo social atinja o grau que merece.

Afinal, esse tipo de turismo não pode ser considerado como um devorador de subsídios, pois diferentemente do que ocorre com o turismo comercial, o turismo social presta um grande auxílio à coletividade.

TOURISM AND LAISURE IN THE KNOWLEGE ERA

ABSTRACT

With the development of the industrial society, leisure time gained importance as the opposite to working time, that is, free time started to be demanded with the reduction of the working hours. Studies point out two orientations; one that considers leisure related to a system of values and ideology, and another that is concerned with leisure in relation to culture, politics, family, women, youth, religion and above all, work. The change of activities provides the workers with renewed energy to resume their work. The new post-industrial society identifies idleness with the great need to guarantee the modern individual's well being. Tourism and leisure might be converted into social formation. Stratification is an important ingredient in modern societies, and the leisure adopted by people is influenced by their class and social condition, even if some might say that this influence nowadays is not as strong as in the past. The tourism and leisure industry growth has contributed to shape the ways most people spend their leisure time. One aspect characteristic of post-industrial societies is that lack of food was substituted by lack of time, with special implications to the human behavior.

Keywords: Knowledge era. Tourism. Leisure

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo**: atividade marcante do século XX. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

KOENIG, Samuel. **Elementos de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

MASINA, Renato. **Introdução ao estudo do turismo**: conceitos básicos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.